

Gilberto Freyre no jardim ecológico da Fundação Joaquim Nabuco

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Nordeste

NORDESTE

Manuel Bandeira

Artigo publicado em 22 de junho de 1937 e aqui transcrito da antologia de prosa do autor de *Andorinha, andorinha*, organizada por Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro, José Olympio, 1966, p. 242-244.
Parece-nos dispensável apresentar Manuel Bandeira (1886-1968), tão grande como poeta quanto como prosador.

Este livro constitui uma novidade na obra do sociólogo pernambucano. Se o fundo, as idéias, o sentimento geral são os mesmos dos seus livros anteriores, a composição é sensivelmente diferente: mais simples, mais clara, mais despojada. Como se neste livro de contatos com a terra ele tivesse renunciado ao contraponto formidável da *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* para deixar cantar livremente a melodia amorável dos canaviais, tão deliciosamente transposta em valores plásticos pelo pintor Cícero Dias. O rigor do sociólogo, a documentação exaustiva não tinham impedido que nos dois livros anteriores repontasse aqui e ali o grande poeta que coexiste no seu autor ao lado do cientista. Em *Nordeste,* porém, o poeta está sempre presente. Um poeta que sem perturbar de modo nenhum o desenvolvimento objetivo e precioso dos temas tratados, lhe comunica uma força lírica e exata ambientação. Esses temas se distribuem em cinco capítulos: a cana e a terra; a cana e a água; a cana e a mata; a cana e os animais; a cana e o homem. Estudo ecológico, em que se estuda o homem em suas relações com a terra, o nativo, as águas, as plantas, os animais da região ou importados da Europa ou da África.

O autor foi excessivamente modesto quando nos diz que o seu ensaio tenta apenas esboçar a fisionomia do Nordeste agrário e o apresenta como um estudo esquemático e quase impressionista. A verdade é que não ficou apenas na fisionomia: antes, em cortes profundos, tanto no substrato do passado como no subconsciente do presente, soube captar a apresentar-nos a alma mesma daquele

Nordeste agrário cujo segredo e encanto foi o primeiro a penetrar e possuir integralmente.

No primeiro capítulo "A cana e a terra" faz Gilberto Freyre o elogio do massapê em termos de uma sensualidade que irritará talvez os pedantes da ciência sociológica. Como que sentindo de antemão alguma possível estranheza, o autor lembra que José da Silva Lisboa fez o elogio do massapê "em palavras tão quentes que não parecem de um economista frio". Um nordestino amoroso e conhecedor de sua terra é que nunca estranhará o "óleo gordo" que ressuma das palavras de Gilberto Freyre quando ele escreve, por exemplo: "A terra aqui é pegajenta e melada, agarra-se aos homens com modos de garanhona. Mas ao mesmo tempo parece sentir gosto em ser pisada e ferida pelos pés da gente, pelas patas dos bois e dos cavalos. Deixa-se docemente marcar até pelo pé de um menino que corra brincando, empinando um papagaio; até pelas rodas de um cabriolé velho que vá aos solavancos de um engenho de fogo morto a uma estação da Great-Western".

Mas o capítulo que entre todos me dá a sentir o encanto envolvente da minha terra é o da água. Tenho em meu quarto uma estampa de Schlappriz representando um trecho do Capibaribe na passagem de Madalena: fundo de velhos sobrados patriarcais, coqueiros, mangueiras, banheiros de palha, botes de vela e de vara com figurões de grande barba e chapéu alto, um escravo lavando um cavalo branco. . . É o Capibaribe que Gilberto Freyre retrata em suas páginas, o Capibaribe ainda não emporcalhado pelas caldas fedorentas das usinas, o Capibaribe onde as moças tomavam banho em camisa na sombra úmida dos banheiros de palha, onde os estudantes pálidos, de fraque preto, colarinho duro e botinas de verniz faziam serenatas de bote. Lamento que Gilberto Freyre não tenha posto na boca desses estudantes os versos de alguma modinha imperial — o "Se te amei", ou "Quando as glórias que gozei", ou "Vem, noite silenciosa, mitigar minha paixão. . .", em vez de "Desperta, abre a janela, Stela", modinha de 1907 (os versos são de Adelmar Tavares) ou da italianíssima, "Ai, Maria, ai Maria, quantas noites sem ti sem dormir".

No capítulo "A cana e a mata" mostra Gilberto Freyre como a monocultura da cana acabou separando o homem da água dos rios, dos animais, das árvores. E ataca os estetas "que em diferentes épocas nos têm querido impor aos parques ou às ruas, numa generalização contra toda a harmonia da natureza regional, o Ficus Benjamin, o Cactus mexicano, o Eucalyptus australiano, a Acacia de Honolulu".

Em "A cana e os animais" há páginas excelentes sobre o boi e o cavalo, sobre o bumba-meu-boi, companheiro de trabalho do africano, o negro animal, em contraposição ao cavalo, companheiro do senhor; o cavalo, espécie de capanga branco, muito bem tratado, "maricas-meu-bem", mesureiro e cheio de laçarotes.

Em "A cana e o homem", a parte mais desenvolvida, o autor nos dá um pano de amostra do que será o seu livro *Açúcar* quando nos fala das receitas de doce conservadas como verdadeiro patrimônio das grandes famílias pernambucanas. E fica-se com água na boca, curioso de provar êsses bolos — bolo Sousa Leão, bolo Cavalcanti, bolo dr. Constâncio, bôlo do Major, bôlos que por natureza complexa resistem à industrialização em que decaiu a goiabada, a araçazada. Nesse mesmo capítulo o autor se estende sobre um movimento tão mal conhecido de desafogo popular, a revolta do Pedroso, a revolta de 1823. E defende o mulato do Nordeste, dizendo que "não se pode generalizar, dando-o como elemento por excelência perturbador da civilização aristocrática do açúcar: o mesmo grande e violento elemento revolucionário que foi em São Domingos, por exemplo." E acrescenta: "Decerto ele foi, aqui, em muitos casos, um insatisfeito, um mal-ajustado, dentro do sistema terrivelmente simplista de senhores e escravos. Mas não por ódio radical de raça ou de classe: por desajustamento psicológico, principalmente. Êste é que fez dele um introspectivo, não só individual como social".

O livro conclui observando que a civilização do açúcar, patológica em tantos sentidos, sobretudo por tornar o homem, o homem do povo um desajustado, um ser terrivelmente isolado, foi contudo mais criadora de valores políticos, estéticos, intelectuais do que outras civilizações — a pastoril, a das minas, a da fronteira, a do café — civilizações mais saudáveis, mais democráticas, mais equilibradas quanto à distribuição da riqueza e dos bens.

Quanto à linguagem, ao estilo, *Nordeste* renova o mesmo sabor sensual, denso, oloroso de *Casa-Grande & Senzala*. Há aqui o mesmo jeito tardo e como preguiçoso de fazer ponto e abrir período para elementos de igual categoria sintática, tique peculiar que dá tanta personalidade à prosa tão genuinamente brasileira e até pernambucana de Gilberto Freyre. Ele escreve, por exemplo: "Organização cheia de contrastes. Inimiga do indígena. Opressora do negro. Opressora do menino e da mulher..." Quase não há página em que não se possa colher um exemplo desses.

Merece menção especial o soberbo desenho de M. Bandeira representando o Triângulo rural do Nordeste: engenho, casa e capela. Nunca o desenhista pernambucano foi tão forte como neste bico-de-pena magistral.